

## **RESUMO DA PARTICIPAÇÃO DO BÀBÁLÒRISÀ (BABALORIXÁ) E PROFESSOR BÍLÒJÒ, MICHAEL DOS SANTOS MENDES, SACERDOTE DO TERREIRO ILÉ ÀSÈ ÀLÀYÉ**

A princípio se faz necessário o pedido de licença (àgô/agô) aos ancestrais e ancestralidades presentes neste grande e marcante encontro, no intuito de exaltar e fortalecer nossas falas e ensinamentos passados há muito tempo por nossos principais professores, nossos ancestrais; que empiricamente passaram as dores, os dissabores, mas também a capacidade de transformar as mesmas dores, e impasses sociais, em resistência e processos de adaptação de nossa cultura afrorreligiosa em sistemas ricos de formação social e recursos educativos.

Primeiro peço a benção aos meus ancestrais pretos africanos e afro-brasileiros, que deixaram um lindo e importante legado sobre nossas práticas litúrgicas, que, a duras realidades sociais, se resignificaram para continuarmos cuidando de nossas feridas, litúrgica, social e historicamente.

A força que minha voz ganha tem o combustível de vossas lutas. Lutas essas não diferentes daqueles, que também peço a benção, que são os verdadeiros donos dessa terra; os que foram da mesma forma escravizados, subalternizados e considerados à margem, e sofreram com todas as comparações animais e desumanas possíveis. A benção aos povos indígenas e aos ancestrais igualmente potentes em nossas falas durante esse necessário encontro.

Como representante das casas de religiões de matriz africana, senti-me responsável por evidenciar que a história e a cultura africana são ricas e profundamente significativas. Sou orgulhoso das minhas raízes e honro aqueles que vieram antes de mim, pois me fazem ser quem sou. O processo de emancipação dos negros escravizados foi um longo e difícil caminho ao decorrer da história. Em várias partes do mundo, incluindo o Brasil, a abolição da escravatura foi conquistada através de lutas, movimentos e resistência por parte dos próprios escravizados, abolicionistas e ativistas. No Brasil, a Lei Áurea foi assinada em 1888, abolindo oficialmente a escravidão. No entanto, o racismo e a discriminação ainda persistem e pulsam após 136 anos; é importante continuar lutando pela igualdade e justiça para todos, pois as feridas ainda sangram e estão longe de serem cicatrizadas: não precisamos fazer uma profunda pesquisa, basta abrirmos as redes sociais mais usadas ou mesmo assistirmos aos jornais e programas diários de entretenimento.

Momentos como esse evento, envolvem diretamente as comunidades de terreiro e nos provoca para essas importantes considerações, pois é dentro dos terreiros de candomblé, e outras tantas religiões de matriz africana, que moram as mais profundas relações com os processos de aquilombamento, no intuito de preservar a cultura, a arte, a ideologia, as relações sociais e as vozes daqueles que não puderam gritar sua identidade, mas deixaram seus grandiosos ensinamentos.

Os processos sociais e educativos da escola e das entidades não formais dialogam nesse evento com os vivenciados nos terreiros, uma vez que nesses espaços os processos educativos são muito ricos e variados. A transmissão de conhecimento acontece de forma oral, por meio de histórias, cantigas, rezas e rituais. Os mais velhos, egbomis, e sacerdotes, ialorixás ou babalorixás (conhecidos como “pais” e “mães de santo”) são os principais responsáveis por ensinar aos mais novos não apenas os rituais e cantos, mas também os valores, tradições e a história do Candomblé; e sobre como chegamos, sobrevivemos e como encarar esse processo de afirmação o tempo todo.

Além disso, nos terreiros também são valorizados o respeito aos mais velhos, a solidariedade, a preservação da natureza e a conexão com os ancestrais. A educação de Candomblé vai além do intelectual, englobando também o desenvolvimento espiritual, emocional e social dos praticantes. É um processo que visa a formação integral do indivíduo dentro de uma cosmovisão



africana; no caso do candomblé que faço parte, da nação Ketu, a cosmovisão da cultura ioruba.

Os terreiros vão ao encontro dos processos dentro dos espaços formais e não formais de educação, uma vez que acreditamos que o “quintal”, o território, com suas riquezas de vivências e informações ancestrais já são pautas para os movimentos educativos que enriquecem a comunidade interna e que ganham densidade para fora dos muros dos terreiros.

Concluo que empoderar não seja mais o principal foco, mas somando-se aos espaços educativos e também sendo considerado um território educador, terreiro e escola juntos proporcionam aos pretos, pretas e pretes, por meio da educação, a capacidade de se fortalecerem, chegando ao patamar do ocupar: tornar possível a presença dos afro-brasileiros, bem como afroreligiosos, onde quisermos estar; e ir até onde mais precisarmos de representatividade para garantir nossos direitos. É preciso proporcionar uma educação antirracista, a fim de incentivar o protagonismo com consciência ancestral e histórica.

ISBN 978-65-01-03201-6